
Rituais Interacionais: o enterro evangélico

Andréia Vicente da Silva

Resumo: Entre os evangélicos, assim como para todos nós, o enterro é a ocasião para dizer o último adeus àquele que partiu. Mas não só. Há outros fatores importantes na realização desses ritos no cemitério de Praia de Mauá. Ali, assim como na maior parte das pequenas cidades brasileiras, os sepultamentos acontecem em cemitérios públicos que se encontram, em geral, ao lado das Igrejas Católicas históricas que no passado eram as responsáveis pelo domínio da morte. Esse dado afetou diretamente o desenvolvimento dos “*rituais de morte*”.

Nesta comunicação pretendo discorrer a respeito de alguns elementos que compõem os ritos de enterro evangélicos principalmente as passagens entre etapas formais nas quais é possível observar características interacionais que se marcam pela reflexividade, relacionismo e informalidade. O exame do ritual de enterro evangélico é especialmente interessante, pois aponta para a existência de muita criatividade e inovação em seus conteúdos e oferece ao pesquisador alguns traços diferenciados em relação ao que vem sendo repetidamente discutido no campo de pesquisas dos ritos.

Palavras-chaves: morte; rituais; evangélicos; enterro.

Abstract: Among evangelicals, as well as for all of us, the funeral is the last opportunity to say goodbye to the one who left. But not only. There are other important factors in achieving these rites at the cemetery in Praia de Maua. There, as in most small cities in Brazil, burials take place in public cemeteries that are, in general, beside the historic Catholic churches that were once the domain responsible for the death. This information directly affected the development of "death rituals".

In this communication I want to talk about some elements that made up the burial rites evangelicals especially the passages between the formal steps which can observe interaction characteristics that mark by reflexivity, relationalism and informality. The examination of the ritual burial evangelical is especially interesting because it points to the existence of much creativity and innovation in their content and offers to the researcher some differential traits in relation to what has been discussed repeatedly in the research field of the rites.

Keywords: death; rituals; evangelicals; burial.

1. Contexto social geral e apresentação das estratégias interpretativas

O desenvolvimento de um conjunto de ações que visam dar conta do “morto” é um dos grandes universais da humanidade (BENDAN, 1969). A partir da transformação física gradativa natural pela qual vai passando o cadáver, os vivos estabelecem procedimentos através dos quais suportam a perda e dão um destino ao corpo. No Brasil, assim como na maior parte dos países Ocidentais geralmente os mortos são enterrados em cemitérios (REIS, 1991).

Para os evangélicos o enterro é a ocasião para se dizer o último adeus e para que os sobreviventes tomem consciência da nova situação daquele que partiu. O ritual de enterro valida o novo status social do morto e dos vivos mais próximos. Num período muito difícil de incertezas, aceitar as transformações que seguem à morte constitui-se um trabalho doloroso que, neste grupo social, é vivido em coletividade. Nela, eles procuram ultrapassar as instabilidades e construir explicações para os acontecimentos que circundam a ocorrência de um falecimento (GOMES, 2006; PINEZI, 2008).

Contudo, apesar do caráter inigualável e da riqueza dos ritos ter sido apresentado como idéia central na maior parte dos estudos que trabalham os traumas decorrentes da morte, as análises feitas entre os evangélicos afirmam de maneira praticamente unânime sua simplificação. O principal argumento utilizado para sustentar essa idéia é a atitude evangélica de rejeição e negação da morte e dos mortos. E não foram poucos os autores que assim escreveram (CHAUNNU, 1978), chamando atenção principalmente para a contestação da intercessão pelos mortos como marca maior dessa diferença. A performance¹ ritual funerária evangélica foi apresentada como marcada pela idéia de que a morte não deve ser vivida como momento de tristeza e sim como concretização do ideal da salvação (NOVAES, 1983).

No entanto, a atitude de confronto com o catolicismo – como estratégia institucional – e a negação da influência dos vivos no destino dos mortos – como expressão da sua compreensão mais ampla do funcionamento do mundo - não foi suficiente para retirar dos meus informantes a necessidade humana de chorar por aqueles que partiram. A partir desse imperativo social primário, os evangélicos desenvolveram vários comportamentos e idéias visando ultrapassar a separação provocada pela morte.

¹ Performance é entendida para um conjunto de ações diferentes da rotina; é um tipo de demonstração específica. (Bell, 1997, p. 160).

Partindo desse panorama rapidamente apresentado, quero discutir de que forma os evangélicos realizam os “rituais de enterro”². Para tanto, enfatizarei os momentos informais chamados aqui de “*entre etapas*” do ritual que são instantes menos formalizados do rito onde os indivíduos transitam entre os espaços e interagem uns com os outros de forma mais espontânea. São instantes de passagem e marcam-se, principalmente, pela mobilidade, informalidade, relacionalismo e reflexividade.

Minha proposta é a observação atenta das idéias, dos comportamentos e hábitos dos evangélicos das Igrejas Assembléias de Deus de Praia de Mauá na densidade da seqüência do ritual. Acredito que assim será possível perceber a riqueza das suas ritualizações. Meu objetivo será demonstrar ao fim e ao cabo do texto que, mais que um protocolo rígido de comportamentos pré-estabelecidos através dos quais se processa a passagem pela morte, entre os evangélicos, o rito de enterro leva em conta principalmente interações e compartilhamento de emoções que se expressam e se concretizam numa relação íntima e complexa com a estrutura social mais ampla.

Num nível mais extensivo, o exame dos dados do meu campo ajuda a comprovar que, na realização de qualquer ritual, mesmo que formalizado, tanto sua estética, como seu conteúdo possui componentes criativos acionados a partir das situações. Eles se constroem em relação primeiramente com a “estrutura” pré-estabelecida ao longo de tempo histórico e em seguida, de maneira não menos intensa, com aqueles que partilham momentaneamente a passagem pela morte³. O encontro destas duas formas expressivas é que tem o efeito simbólico requerido pelos participantes de um rito: a produção de significado emocional (COLLINS, 2004).

Enfim, assumo como tarefa reconstruir algumas passagens do ritual de enterro evangélico⁴. No entanto, esse trabalho etnográfico se fará a partir de alguns limites teóricos. Pretendo discutir a aplicação de alguns componentes ditos recorrentes nos rituais, a saber: formalidade, invariância, tradição, performance, regras explícitas (BELL, 1992). Sustento que apesar de existirem normas, componentes e etapas pré-estabelecidas para as cerimônias formalizadas, o rito de enterro evangélico não é realizado apenas como imperativo cumpridor

² Os ritos de enterro envolvem todos os procedimentos que visam preparar e enterrar o corpo de um morto. Entre eles está a preparação da documentação e do corpo desde a ocorrência da morte até o sepultamento.

³ Marshal Sahlins em “Ilhas de História” (1999) discutiu a relação entre estrutura social e evento demonstrando que os significados de um acontecimento são avaliados na prática, ou seja, na vida social.

⁴ Pretendo apresentar uma versão mais completa e detalhada no texto da minha tese que deverá ser defendida no primeiro semestre de 2011.

desses protocolos. Durante seu desenvolvimento, há fatores interacionais e relacionais que influenciam a forma e o conteúdo de sua execução. Todavia, encontrar o ponto de equilíbrio entre o que é constante e o que é inovador é uma das grandes dificuldades dos estudos de ritual. Por um lado, existe uma forte tradição de práticas rituais funerárias que foram reiteradas por gerações de pessoas que desejavam maior segurança em face ao desequilíbrio provocada pela morte (MORIN, 1970). Dentre elas, o rito de enterro aparece como uma obrigação social. A sua formatação já é socialmente conhecida e suas etapas coordenadas. Entretanto, o rito não envolve somente recorrência. Durante sua realização há espaço para adaptações, discussões, avaliações. Esse aspecto é central no meu estudo.

2. A estrutura do rito de enterro evangélico

De maneira geral, os ritos são decompostos em fases formais compreendidas como *invariantes* (VAN GENNEP, 1977). Contudo, essa fixidez não é atemporal como bem já comprovaram as análises de longa duração⁵ a respeito das transformações ocorridas nos ritos de morte (ÁRIES, 1975). Ao mesmo tempo, essas mesmas pesquisas nos revelaram que não há revolução completa dos componentes rituais básicos. Os autores afirmam que ao mesmo tempo em que as etapas do rito de enterro permaneceram praticamente as mesmas durante séculos, a maneira como cada uma delas foi realizada esteve sempre se transformando sendo complementada ou abreviada.

Partindo deste contexto complexo, acredito que um exame atento da dinâmica interna dos ritos de sepultamento evangélicos deve envolver, por um lado, a decomposição das fases formais – velório, procissão e enterro - e das passagens informais entre suas etapas, a fim de enfatizar suas especificidades. Por outro lado, deve-se dar atenção especial ao processo histórico complexo de contatos e confrontos com outras religiosidades que ajudaram a constituir esses cerimoniais evidenciando como essas diferenças se consolidaram num plano mais geral – o que pode ser explicitado também no espaço do cemitério. Esse método deverá evidenciar a especificidade do ritual de enterro evangélico que ganha sentidos explicativos efetivos maiores nos momentos

⁵ Na análise histórica de longa duração defende-se que as mudanças ocorridas não são rupturas momentâneas e sim frutos de um processo mais lento de transformações (RODRIGUES, 2009).

marcados pela informalidade nos quais a maximização das emoções e das interações contribui de maneira efetiva para a construção plena de significados.

O exame desse ritual aponta para a existência de muita criatividade e inovação em seus conteúdos. Ele oferece ao pesquisador alguns traços diferenciados em relação ao que vem sendo repetidamente discutido no campo de pesquisas da estrutura ritual de maneira geral e, ao mesmo tempo, permite questionar as bases a partir das quais se apresenta a vivência evangélica da morte.

Considerarei alguns elementos rituais como prioritários, a saber: a solidão do corpo do morto; a aproximação entre enlutados; a expressividade emocional moral coletiva; a distinção dos “outros”. Foi a partir da leitura e da dotação de significados a esses elementos que construí minha interpretação para os ritos de morte evangélicos.

A partir de agora vou dividir o ritual de enterro evangélico em etapas, nos moldes de uma etnografia clássica. No entanto, minha ênfase não estará apenas na demonstração de estruturas formais indissolúveis. Minha intenção é comprovar que a ritualização é construída e reconstruída interacionalmente à medida que os indivíduos buscam respostas emocionalmente eficazes para a superação da perda. Ao mesmo tempo, estou preocupada em dar sempre grande relevo às fronteiras entre grupos que juntos constroem o cotidiano vivo do cemitério e do mundo.

3. Velório

Na maioria absoluta das vezes, um velório começa antes mesmo do corpo chegar à capela Santo Antônio no Cemitério de Praia de Mauá e dura a noite toda. Desde o momento em que os parentes e amigos se reúnem para aguardar a chegada do carro da funerária, observam-se demonstrações de tristeza, pesar e solidariedade.

É muito comum que os vivos se reúnam para conversar a respeito dos momentos passados onde conviveram com o morto ao longo do velório. Como alguns dos meus informantes evangélicos me relataram, muitas vezes nessas conversas se contam acontecimentos do cotidiano. Essas discussões são momentos de grande saciedade emocional. Recontar histórias da vida do morto é lembrar e reconstruir sua participação social apurando entre si o foco de atenção re-

elaborado diversas vezes durante a execução do rito. Essa sintonia do encontro se afina ainda mais com as histórias que tem como protagonistas os enlutados e o “morto como vivo”⁶.

O momento de chegada do corpo marca uma mudança extrema no ambiente do velório. O morto é o personagem principal do rito e foi justamente a sua morte o evento gerador daquela reunião ali estabelecida. Ao observar a aproximação do corpo sem vida, os vivos realmente tomam consciência do que representa a morte. Essa materialização do “não ser” é enfrentada com grande dificuldade.

O carro da funerária pára. As portas traseiras se abrem e aparece o caixão. Os presentes no velório caminham lenta e progressivamente ao encontro do corpo que chega. O caixão é conduzido para dentro da capela e ao seu redor segue o grupo reunido. Esse primeiro encontro é a oportunidade de visualizar o corpo morto e principalmente de avaliar seu semblante. É intrigante o hábito evangélico de analisar a face paralisada buscando nela dados a respeito do destino póstumo da pessoa.

Segundo meus informantes, um morto evangélico tem uma “*face feliz*”⁷ justamente por ser um salvo. Já um morto não crente tem uma “*face triste e apavorada*”. No caso do rosto atestar uma “*expressão serena*” reconhece-se imediatamente a salvação daquele que partiu e os comentários a esse respeito são feitos entre os irmãos trazendo a tona saciedade emocional – um misto de felicidade e tristeza. Já a “*expressão triste*” amplifica a inquietação já sentida e iniciam-se alguns questionamentos mais contidos para não ofender os familiares mais próximos.

O hábito de avaliar a face do morto imprime ao momento de chegada do corpo uma dose maior de ansiedade⁸. Reforça ainda mais sua emocionalidade. Afinal, a face do morto pode revelar dados morais da trajetória cristã daquela pessoa e confirmar seu destino póstumo. Ao encontrar a “*face feliz*”, imediatamente, certa tranquilidade toma conta dos enlutados. É a confirmação da abrangência dos estatutos cosmológicos que prevêem a vida eterna no paraíso.

⁶ A expressão “*morto como vivo*” foi criada por mim para chamar a atenção para o fato de que os evangélicos supervalorizam aqueles os momentos onde o morto ainda estava vivo nos quais sua ação era considerada interativa.

⁷ A observação da face feliz ou apavorada aqui não se refere ao trabalho de maquiagem feito pelos profissionais que preparam o corpo para o velório. A expressão construída pelo trabalho de maquiagem e asseio do corpo é trabalhada por meus informantes como expressão autêntica do último momento e está relacionada ao caráter de moralidade dos seus ritos.

⁸ A espécie humana tem capacidade monumental de avaliar e interpretar a expressão facial. Isto acontece tanto no dia a dia como em ocasiões especiais. A partir dessa interpretação são tomados alguns elementos constituidores de padrões de relações.

Contudo, ao aprofundar minhas conversas com eles percebi que existe um outro dado ainda mais relevante no que diz respeito ao corpo do morto: a sua negatividade.

Acredito que a fonte dessa negatividade está na ausência de mecanismos de representação que permitam a comunicação ou a interação entre vivos e mortos. Explico melhor. O sistema cosmológico evangélico apresenta a morte como uma dupla quebra de comunicação com os defuntos. E esse é um dos pontos de maior impacto no desenvolvimento dos hábitos rituais que cercam a vivência da morte. A morte biológica interrompe brutalmente a expressividade comunicativa daquela pessoa. Desta feita, o choque provocado pela perda de alguém que se ama é reforçado por uma cosmologia que impede qualquer outra forma de interação com o morto. Por isto mesmo, o momento de encontro com o corpo é um momento limite onde o vivo deve construir-se em relação ao incomunicável.

Os dados do meu campo reforçam essa hipótese. Entre os evangélicos das Igrejas Assembléias de Deus que eu frequentei e onde assisti os cultos, existe a defesa constante de uma cosmologia que prevê espaços separados de atuação para os vivos e para os mortos. Os evangélicos afirmam que os mortos não escutam, não falam, não se comunicam com os vivos. E, não existem orações, clamores, súplicas, oficialmente aceitas que sejam capazes de modificar a situação de um morto que foi decretada por ele mesmo durante sua vida. Acredito que um dos efeitos diretos dessa dupla quebra de comunicação entre vivos e mortos é a tendência dos enlutados evangélicos de se afastarem do corpo morto e se reunirem em grupos de conversa ao longo do velório para falarem do morto.

Durante algum tempo refleti bastante acerca dessa minha proposta de “*solidão do corpo morto*”. Somente a partir da cosmologia e do caráter de moralidade da morte buscado por eles é que consegui compreender porque, ao longo do transcorrer do velório, no momento onde o morto é o personagem principal, e ainda que seu caixão ocupe um lugar central, o seu corpo permanece de certa forma “*deslocado*”.

É somente a partir do entendimento de que o morto é inacessível tanto do ponto de vista físico como comunicativo que se pode compreender a complexidade dessa expressão. Para os evangélicos, estar perto do corpo sem vida significa estar perto daquele que duplamente “*não está*”. Acredito que essa barreira à continuidade das relações entre vivos e mortos foi uma das responsáveis pelo afastamento dos vivos dos corpos mortos.

Entretanto, esse afastamento do cadáver não significa despreocupação com o morto. Como todos nós, essas pessoas sentem a necessidade humana de desenvolver estratégias através das quais possam demonstrar cuidado e carinho com aqueles que amam. Uma dessas estratégias é falar a respeito do morto, recontar seus feitos em pequenas rodas de conversas caracterizadas pela informalidade. Ao mesmo tempo em que o corpo morto não pode oferecer muitas respostas, o morto pode e continua reforçando laços sociais que foram criados em vida e ativados por sua partida.

A valorização da dimensão informal dos ritos de enterro evangélicos através da observação e descrição dos momentos de aproximação dos vivos e das conversas mantidas entre eles durante o velório, inserem nesta discussão um grande desafio que é justamente considerar as interações informais como componentes rituais⁹ (GOFFMAN, 1967). Nos rituais de enterro evangélicos os diversos momentos informais de conversa são importantíssimos. As trocas entre enlutados ajudam a criar padrões emocionais e a responder imperativos que o corpo inerte não pode solucionar. Minha aposta é que os ritos de morte evangélicos intensificam mais as “*redes de relações*”¹⁰ em torno do morto que os protocolos socialmente rígidos em relação ao seu corpo.

No que tange a configuração ritual, quanto mais formal é uma atividade, mais facilmente será identificada como rito. As conversas, como interações informais, geralmente são renegadas a um estatuto de desritualização. Em minha análise as conversas são consideradas componentes do ritual justamente porque aposto nas interações informais como estratégia para trazer o morto para o “*centro interativo*” do grupo.

Contudo, mesmo que a interação exija grande atenção para com os estatutos sociais que regem as relações entre pessoas (GOFFMAN, 1975), não quero tratar os momentos informais apenas sob o aspecto previsível dos protocolos comportamentais ordenados. Dados do meu campo comprovam que durante o velório e mesmo no decorrer do trabalho de luto as margens de tolerância socialmente estabelecidas para a expressividade podem ser alargadas. As *regras explícitas*¹¹ podem ser reconsideradas se a carga emocional se tornar incontrolável.

⁹ Para Goffman as conversas também podem ser consideradas rituais interacionais à medida que demandam protocolo comportamental a ser seguido pelos interlocutores.

¹⁰ Wassermann and Faust (1999) identificaram alguns princípios da teoria de redes tais como: interdependência entre ações e atores; laços relacionais entre atores onde os recursos materiais ou imateriais circulam em fluxo.

¹¹ A regra é um controlador poderoso das ações humanas e define limites num dado contexto. Tendemos a pensar ritual como um sistema onde há normas impostas no caos da ação e da interação humana (BELL, 1997).

Com muita sensibilidade e atenção, os “irmãos” percebem que algumas vezes a exacerbação da dor dificulta o controle dos sentimentos, gestos e palavras. Adota-se, neste caso, uma postura de conforto dos fragilizados e alargamento do que é socialmente aceito e exigido. Muitas vezes os praticantes questionam pressupostos rígidos da cosmologia e da doutrina do grupo que em outros contextos não seriam discutidos.

É importante esclarecer, antes de continuar a análise do rito, que mesmo não havendo interlocução com o cadáver, e mesmo que o afastamento dele revele sua negatividade, os evangélicos mantêm com o defunto uma atitude de grande carinho. Eles não abandonam o corpo morto. Ao longo da realização das minhas observações recolhi evidências exemplificativas dessa atenção. Diversas vezes, os enlutados aproximam-se do corpo para tocar em sua face, para arrumar suas flores, para abraçá-lo, para olhá-lo ininterruptamente.

4. O culto fúnebre

O culto funerário é a parte mais formal do rito de enterro evangélico. Nele, os pilares cosmológicos e doutrinários que sustentam seu entendimento da vida e da morte são enfatizados. Valorizar a vida do morto e negativizar o corpo e a morte são formas de enquadramento da situação de aflição no conjunto representativo moral mais amplo. Contudo, esta solenidade não envolve um *formalismo*¹² exacerbado.

A estrutura mínima nesses cultos envolve muitos cânticos, orações e palavra do dirigente. Contudo, a forma como essa seqüência será estabelecida depende muito do contexto da morte e da possibilidade de encontrar aplicabilidade dos padrões de moralidade do grupo na trajetória daquele que morreu. Na verdade, a formatação do culto pode ser flexibilizada a cada nova situação. A disposição da família e dos participantes em relação aos padrões morais e ao morto também é fator prioritário para a decisão, além do grau de proximidade e do relacionamento entre o pastor ou dirigente e os envolvidos.

Entre todos os determinantes avaliados para condução do culto, a aplicabilidade dos padrões de moralidade definidos como ideais pelos crentes na vida do morto é primordial. Afinal,

¹² Um evento muito formalizado não envolve emocionalmente seus participantes justamente porque reduz seu potencial de identificação (BELL, 1997). Ocasões formalizadas ao extremo exigem a manutenção de uma rígida hierarquia social que compacta o conteúdo e privilegia a forma tradicional (BLOCH, 1989).

saber se o morto é “salvo” ou “condenado” determina o ponto de partida para sua execução. Assim sendo, há diferenças relevantes no culto realizado para um morto crente ou não crente.

O cerne do culto fúnebre de um não crente é enfatizar o céu e as maravilhas que esperam os “salvos” após a morte através do proselitismo. Neste caso, ao invés de julgar a condição póstuma do morto – o que poderia causar constrangimento e tristeza dos familiares –, os irmãos aproveitam para fazer pregação da bíblia e desta forma falam da possibilidade de uma vida após a morte feliz. O contrário acontece no enterro de um crente quando a pessoa que preside a cerimônia reconta fatos acontecidos durante sua vida apresentando-os como prova de fidelidade e de salvação. A escolha de um desses modelos depende do julgamento feito pelos presentes e pode gerar contradição.

Ao longo do culto, cada dirigente é livre para cantar, falar e orar quantas vezes decidir. Não há uma *formalidade* rigidamente estabelecida nem *invariância*¹³ que restrinja a seqüência das fórmulas rituais. Os presentes podem participar do culto pedindo alguns hinos ou mesmo orando. As diretrizes formais do culto associam interações momentâneas ao contexto cosmológico.

Numa ampliação da análise, o tom a partir do qual o culto é celebrado também se relaciona com o contexto do cemitério que é um lugar público de uso comum. Os evangélicos usam esse espaço apresentando-se como alternativa. Ao tentar criar uma atmosfera de exaltação¹⁴ eles estão inserindo-se nesse campo apresentando-se como “*diferentes dos outros*” que ali estão.

Outro fator importante desse culto é a narrativa do céu e das maravilhas da vida eterna. As mansões do paraíso onde os salvos irão habitar e onde há plena felicidade são cantadas nas letras antigas repetidas. Ao cantar e contar as “*delícias celestes*” preparadas para os crentes fiéis, os enlutados compartilham muita emoção. Contudo, o enterro nunca é vivido como ocasião festiva. Logicamente há incongruência entre o que está sendo falado e o que está sendo praticado. Afinal, a morte é desoladora e todas as explicações utilizadas pelos sistemas representativos são tentativas de lidar com seus efeitos (RODRIGUES, 1983, p. 41).

¹³ Invariância remete a não modificação. É como se a passagem do tempo fosse ignorada e todas as fórmulas permanecessem idênticas (BELL, 1997).

¹⁴ A atmosfera de exaltação criada durante o culto fúnebre não significa que não se reconheça a morte e seus efeitos aterradores. Essa expressividade é trabalhada como forma de diferenciação dos evangélicos para com as outras pessoas que freqüentam aquele espaço.

Como solucionar o conflito entre o que se vê (o corpo morto e desfigurado) e o que se imagina (o corpo transformado)? A saída, tal como entendo acontecer nessas cerimônias, é criar um sentimento de valorização dos feitos do morto como vivo e daquilo que virá depois da morte. Através desse estratagema o ritual evangélico retira a ênfase do corpo e da morte que são considerados negativos e a coloca nos vivos e na vida que são considerados lugares de equilíbrio e positividade.

Depois das palavras, dos cânticos e das orações o culto fúnebre termina. Os presentes passam diante do caixão uma última vez. Recarregados emocionalmente com as interações, conversas e com os conteúdos formais, os participantes agora se sentem fortalecidos para a continuidade do ritual.

5. A procissão

Depois de sair de dentro da capela, o cortejo que conduz o caixão segue em direção à sepultura. Com passos lentos e firmes, os irmãos seguem a indicação do coveiro. Todos juntos marcham cemitério adentro para encerrar o ritual.

Não há ordem socialmente imposta para a disposição do grupo de enlutados no cortejo, embora eu acredite que as relações pessoais sejam seu parâmetro organizador. Uma boa olhada nos integrantes percebe-se que não há nenhum tipo de preocupação com a utilização de acessórios especiais. Suas vestimentas parecem ser as mesmas do cotidiano. Alguns carregam as coroas de flores que enfeitavam a capela. As flores emprestam colorido à pequena multidão em trânsito. Alguns irmãos têm em suas mãos as bíblias que foram utilizadas durante o culto fúnebre.

O percurso da procissão inicia-se com a saída da Capela Santo Antonio e termina no túmulo preparado para o sepultamento. Esse caminho é trilhado em grupo. O ponto central de qualquer procissão fúnebre é que ela sintetiza uma coletividade em ação contra a morte. O cortejo movimenta-se entrando pelo cemitério e neste deslocamento seus participantes entram em contato com o lugar dos mortos.

Até aqui chamei atenção para a construção das redes de relações compostas pelos enlutados e da forma como estes valorizam e relembram seu morto a partir das interações. Na continuidade do ritual de enterro evangélico, o momento de trânsito do cortejo tem uma

significação simbólica ímpar. Apesar da procissão dos mortos ter objetivos explícitos já amplamente estudados¹⁵ (REIS, 1991; RODRIGUES, 1999), aqui, o intervalo desse deslocamento será utilizado com a intenção de discutir especificidades do rito evangélico no que diz respeito a relações mais amplas. A primeira singularidade diz respeito à configuração da passagem deles pela necrópole. Acredito que a abreviação do tempo de permanência no interior do cemitério equilibra a relação entre a necessidade de entrar no cemitério para enterrar o morto – como todos os enlutados precisam fazer - e a resistência evangélica de permanência naquele espaço dominado pela morte e pelos rituais aos mortos – a estratégia de distinção. É durante essa entrada no cemitério que o grupo tem a oportunidade de reforçar a efetividade dos símbolos rituais a partir do contato com o que é diferente. Nesse sentido, a procissão funerária evangélica também pode ser relacionada ao contexto da sociedade mais ampla representada aqui no microcosmo do cemitério.

Quando o cortejo entra no cemitério se movimentando em direção a sepultura, os seus participantes sofrem alguns impactos emocionais que são produzidos a partir do confronto com aquele ambiente. Acredito que as instabilidades causadas pela morte se agravam imensamente a partir da passagem pelo portão. Afinal, ao mesmo tempo em que o cemitério é a morada dos mortos ele também é um lugar de predominância católica. Minha aposta é que a união entre irmãos que em procissão entram e passam pelo cemitério auxilia na aplacação das instabilidades que se afloram do encontro deles com a morada dos mortos e o contexto social maior.

A entrada do grupo no cemitério é obrigatória e visa à execução completa do rito que encerra um ciclo de vida. Contudo, essa passagem é vivida a partir de sentimentos confusos. Uma multiplicidade de sensações. Sabe-se que o enterro representa o cumprimento de um dever coletivo. Por outro lado, o instante final de despedida é desesperador justamente por concretizar a separação absoluta daquele que parte. Juntando estas indistinções, o caminho trilhado da capela até a cova representa o último fôlego dos enlutados exaustos que devem finalizar sua tarefa e, também salienta o derradeiro instante no qual o corpo morto estará entre os vivos.

Ao mesmo tempo em que a constituição do grupo fornece instrumentos mais eficazes para o enfrentamento da morte, a procissão enquanto deslocamento desse grupo trabalha

¹⁵ No período colonial a procissão funerária percorria as ruas da cidade à noite o que evidenciava o caráter público dos funerais e simbolizava as trevas da morte. Ao longo do tempo ela foi diminuída. De toda forma, seu objetivo continua sendo a organização coletiva para enfrentar a morte (VAILATI, 2002).

simbolicamente a penetração e a transição coletiva no sistema de porosidades da sociedade. Para os evangélicos, adentrar no cemitério significa sempre e recorrentemente entrar no território do “*outro*”. Naquele espaço reinam a morte e os ritos em favor dos mortos.

De toda forma, apesar de hegemonias e oposições, na morte todos se encontram no cemitério. Por ele, todos os vivos devem passar para depositar seus mortos. Os evangélicos acompanham o caixão do morto pelas ruas sinuosas vivendo sua profunda dor e, ao mesmo tempo, observando e analisando a composição sócio-espacial do lugar. Eles notam os atos e fatos que ali se realizam e constroem sua identidade contrariamente ao que acontece – embora também participem da conformação daquele campo. Após o enterro, eles podem comentar e retirar conclusões do que foi visualizado e vivido.

Não há como não perceber que a presença massiva do que é católico no cemitério influencia na “evolução”¹⁶ do cortejo fúnebre evangélico. Afinal, durante o período de despedida do morto, eles precisam transitar numa linha muito tênue entre o que pertence e não pertence aquele lugar. O sofrimento individual não pode ultrapassar e alijar a formação coletiva. Cada um precisa estar atento afinal, ali não é o seu lugar. O cemitério é compreendido como local de passagem.

Está claro pra mim que os componentes e os símbolos acessados no cemitério durante os ritos de enterro evangélicos estão muito relacionados à divisão social. Há continuidades e rupturas em relação ao modelo pioneiro e hegemônico católico de composição do lugar. Se a entrada e a passagem pelo cemitério são obrigatórias, a forma e o tom com os quais seu percurso é desenhado pelos atores revela uma forte negação com a maior parte do que ali se estabeleceu. A passagem do cortejo evangélico pelo cemitério é rápida e singela. E da mesma maneira como o corpo do morto se marcou pela negatividade, a permanência no interior desses muros guarda em si um “*quê*” de constrangimento.

O cortejo fúnebre revela na sua evolução as porosidades e as oposições presentes na sociedade que estão objetivadas no interior do cemitério. No caminho vencido pelo grupo há que se encontrar o que é diferente e com ele se relacionar. A passagem da procissão é a ocasião de

¹⁶ Para poder julgar a evolução de um desfile (movimento de um grupo) é preciso que o avaliador esteja numa posição de relativa exterioridade. A posição de distancia permite a apreensão de informações cruciais que são trazidas pela forma narrativa daquela totalidade (CAVALCANTI, 2002, p. 50).

informar-se e de formar-se a partir daquilo que não é, não está e não permanecerá. A partir desses elementos é que sua diferença se constituirá.

6. O enterro

A chegada à sepultura representa o último instante do ritual de enterro. De maneira geral, para os parentes e amigos, será a última oportunidade de olhar e de se aproximar do morto. Para um evangélico, ainda mais, afinal, provavelmente, será a primeira e última oportunidade de aproximação do túmulo que será abandonado logo após o enterro. A maior parte dos evangélicos não cuida dos túmulos dos seus mortos.

Canta-se ainda um último hino. Essa canção é balbuciada pelos enlutados em meio à tristeza, choro e dor. Em seguida, o caixão é fechado e desce pela cova adentro. O coveiro inicia o enterro jogando pequenas porções de barro e cal sobre o caixão que já está no fundo da cova. O silêncio impera no ambiente e ouve-se o barulho do barro bater sobre a madeira oca do esquife funerário. Alguns jogam flores dentro da sepultura. É interessante perceber que antes mesmo que o caixão esteja todo enterrado a maior parte dos enlutados já está se retirando.

O ritual de enterro tal como é feito pelos evangélicos é extremamente revelador das instabilidades e incertezas presentes nesse sistema que são trabalhadas num dos momentos mais marcantes da vida coletiva: a perda dos participantes de uma sociedade. O rito clarifica para nós pesquisadores as possibilidades de contato com a morte e com os mortos abertas a essas pessoas e as estratégias dos atores sociais no cotidiano dramático da vida.

Os instantes seguintes ao sepultamento e as idéias dos meus entrevistados sobre a aquisição dos túmulos indicam dúvidas e questionamentos a respeito dos estatutos formalmente decretados. Contudo, esses desdobramentos só poderão ser discutidos mais atentamente em outro momento e em outro lugar.

Conclusão

Ao percorrer em forma de narrativa o rito de enterro de maneira muito sucinta procurei chamar atenção para a dinâmica de relações dos evangélicos com a morte. Apresentei

superficialmente as discussões teóricas já estabelecidas entre os componentes reconhecidos do rito (invariância, tradicionalismo, regra, formalismo) e os novos parâmetros a partir dos quais eles são analisados (reflexividade, criatividade, relacionalismo) e procurei enfatizar as especificidades dos rituais deles em relação ao que tem sido considerado como um rito.

Demonstrei que esse tipo de estudo é extremamente revelador não somente das formas através das quais um grupo religioso explica os acontecimentos, mas, também das porosidades e passagens constitutivas da vida social no sistema mais abrangente. Neste sentido, não há como separar o que acontece no espaço público partilhado da forma como cada coletividade se constitui.

Acredito ter esclarecido algumas especificidades do ritual de enterro evangélico. Espero, da mesma forma, ter defendido a riqueza a partir da qual eles lidam com a morte, com o corpo e com os mortos evidenciando as negativas e as diretivas de sua organização contra a finitude e a desordem. Afinal, desfazer a tendência à declaração de simplificação e desritualização é um dos objetivos centrais da minha pesquisa que ao mesmo tempo discute a composição dos rituais como um recurso teórico importante para o entendimento da vida social.

Bibliografia

ANDREUX, Francis. 1975. *L'Image de la mort dans les liturgies des Eglises protestantes*. Archives des Sciences Sociales des Religions, V. 39, N. 1, p. 119 – 126.

ARIÈS, Philippe. 1975. *Essais sur l'histoire de la mort em Occident du moyen âge à nos jours*. Paris: Éditions du Seuil.

BENDAN, Effie. 1969. *Death Customs. An analytical study of burial rites*. London: Dawsons of Pall Mall.

BELL, Catherine. 1992. *Ritual Theory, Ritual Practice*. New York Oxford: Oxford University Press.

BLOCH, Maurice. 1989. *Ritual, history and power: selected papers in anthropology*. London: The Athlone Press.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. 2002. *Os sentidos no espetáculo*. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, V. 45 n° 1.

CHAUNNU, Pierre. 1978. *La morte à Paris. XVIe, XVIIe et XVIIIe siècle*. Paris: Fayard.

COLLINS, Randall. 2004. *Interaction Ritual Chains*. Princeton: Princeton University Press.

-
- GOMES, Edlaine de Campos. 2006. *Morte em família: ritos funerários em tempo de pluralismo religioso*. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, v. 49, n. 2.
- MORIN, Edgar. 1970. *L'Homme et la mort*. Paris: Éditions du Seuil.
- NOVAES, Regina. 1983. *Os crentes: razões para viver e para morrer*. In: MARTINS, José de Souza (org). *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Editora Hucitec.
- LIMA, Tânia Andrade. 1994. *De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX*. Anais do Museu Paulista. São Paulo. V.2. p. 87 – 150. Jan/Dez.
- PINEZI, Ana Keila Mosca. 2008. *O sentido da história: protestantes históricos e neopentecostais diante da morte*. Comunicação II Congresso Latino Americano de Antropologia. Costa Rica.
- REIS, João José. 1991. *A morte é uma festa. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras.
- RODRIGUES, Henrique Estrada. 2009. *Lévi-Strauss, Braudel e o tempo dos historiadores*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 29, nº 57, p. 165-186.
- SAHLINS, Marshal. 1999. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- VAILATI, Luiz Lima. 2002. *Os funerais de “anjinho” na literatura de viagem*. Revista de História. São Paulo. V. 22. n. 44. p. 365 – 392.
- VAN GENNEP, Arnold. 1977. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes.
- VICENTE DA SILVA, Andréia. 2005. *Vida após a morte: entre práticas e representações. Os evangélicos da Assembléia de Deus e sua tipificação dos mortos*. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal Fluminense.
- WASSERMAN, S., and FAUST, K. 1994. *Social Network Analysis: Methods and Applications*. Cambridge, ENG and New York: Cambridge University Press.